

HISTORIAL CURTO DA AICL EM 40 COLÓQUIOS

Quem é Chrys Chrystello que lidera os colóquios da lusofonia

Jornalista e tradutor, a partir de 2006, traduziu dezenas de escritores açorianos (por exemplo, em projetos dos Colóquios — 15 autores da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos). Em 2009, publicou o vol. 1 da trilogia "ChrónicAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores", cronicando as suas viagens pelo mundo. Em 2011 publicou o vol. 2 e, em 2012, lançou a obra completa de poesia "Crónica do Quotidiano Inútil (vols. 1 a 5)", que assinala 40 anos de vida literária. Foi nomeado, nesse ano, Académico da Academia Galega de Língua Portuguesa.

Em 2015 lançou a 4ª ed. da monografia "Crónicas Austrais 1978-1998" e editou os 3 volumes da "Trilogia da História de Timor".

Nesse ano trabalhou na compilação da obra de D. Ximenes Belo, "Pe. Carlos da Rocha Pereira", vol. 1 de Missionários Açorianos em Timor.

Em 2017, lançou o seu opus magnum, "Bibliografia Geral da Açorianidade", em 2 vols. (1600 pp. com 19500 entradas).

Igualmente, publicou com a Lidel e traduziu para o inglês "O Mundo Perdido de Timor-Leste", de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich.

Lançou, em 2018, "Fotoemas", foto-e-book, com fotos de Fátima Salcedo e poemas seus: <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>. Fez a revisão e a compilação de "Missionários açorianos em Timor", vol. 2, de D. Ximenes Belo, e finalizou os vols. 3 e 4 de "ChrónicAçores uma circum-navegação" e completou a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (poesia).

Em 2019, foi nomeado vice-presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo e é membro do Pen International (Açores).

Em 2022 lançou 3 livros: "Crónica do Quotidiano Inútil, 50 anos de vida literária" (poesia, Obras completas, vol. 1 a 6); "ChrónicAçores vol. 5 (1949-2005) Liames e epifanias autobiográficas"; "ChrónicAçores vol. 6 (2005-2021) Alumbramento: Crónicas do Éden", ed. Letras Lavadas.

Em 2024 editou "**29 poemas, 29 anos com a Nini**", uma homenagem póstuma em poesia a Helena Chrystello; em 2025, o 8º volume de ChrónicAçores, "**Diário de um homem só**", homenagem a Helena Chrystello, em 2026 **Diário de um homem só II, Manual para viúvos** ChrónicAçores vol. 9

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos.

Quando e onde começaram?

Começamos no Porto, mas a ideia foi sempre descentralizar. Até 2010, a base foi Bragança e, em Belmonte, de 2016 a 2022. Houve colóquios em cidades, vilas e freguesias. Nos Açores, na Ribeira Grande (2006, 2007, 2023), Lagoa (2008, 2009, 2012), Vila do Porto (2011, 2017, 2024), Maia (2013), Porto Formoso (2014), Santa Cruz da Graciosa (2015, 2019), Lomba da Maia (2016), Madalena do Pico (2018), PDL (2021 e 2022), Lajes das Flores (2025); Angra do Heroísmo (2026). Fora, estivemos no Brasil (2010), em Macau (2011), em Galiza (2012), em Seia (2013 e 2014), no Fundão (2015), em Montalegre (2016) e em Belmonte (2017 a 2022). Faltou-nos obter apoios para S. Jorge, Corvo

Qual o principal objetivo, ou interesse máximo destes colóquios?

OS "COLÓQUIOS DA LUSOFONIA" são um movimento cultural e cívico com o objetivo de promover a Investigação Científica para o reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e de todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação de luta por uma sociedade mais justa, de defesa dos valores humanos fundamentais e de causas filantrópicas. No contexto da Lusofonia, a Galiza e Portugal aumentarão a sua influência ibérica e europeia, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, Angola e Moçambique, a sua influência africana, o Brasil a sua influência no continente americano e Timor a sua influência asiática, sem esquecer Goa, Damão, Diu, Macau, todos os lugares onde alguém fale Português ou onde a diáspora esteja presente, os quais, integrados noutros estados, serão núcleos de irradiação cultural desta noção alargada de Lusofonia

Qual a periodicidade anual dos colóquios?

Dois ao ano, de 2006 a 2022 (Tivemos a sede em Bragança de 2002 a 2010 e em Belmonte de 2016 a 2022).

Quem são e o que fazem os Colóquios da Lusofonia (AICL)

Aqui, em linhas gerais, se traça o percurso da AICL. Desconheço quando, como ou por que se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas, quando cheguei da Austrália (a Portugal), fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o projeto ALFE (Lusofalantes na Europa em 1997) e quisemos torná-lo universal.

Assim nasceram os colóquios de uma LUSOFONIA que abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião, nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Esta visão visa incluir todos numa Lusofonia que não é Lusofilia nem Lusografia, muito menos a Lusofilia que, por vezes, parece emanar da CPLP e de outras entidades.

Realizámos, desde 2001, 40 colóquios, numa demonstração de como é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Juntam-se os congressistas no primeiro dia, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia, despedem-se como amigos de longa data. Partilham ideias e projetos, criam sinergias, irmados pelo ideal de uma "sociedade civil" capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as hierarquias não podem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos, além da informalidade e do espírito contagioso de grupo que nos irmam.

Abolimos os axónimos, títulos apensos aos nomes, sistema de castas que distingue sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais na associação e contribuam para os projetos, sem reclamar a autoria, mas sim a partilha do conhecimento, e isso é anátema nos corredores bafiantos de instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus, para usar a velha designação), ...

Historial dos colóquios da lusofonia

Em 2010, passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em 2015, a entidade cultural de utilidade pública. Em 2001, todos foram lestos para nos assegurarem de que o formato dos colóquios estava condenado ao fracasso. Garantiram-nos que esta fórmula solidária de todos participarem a expensas suas e contribuírem para as despesas organizacionais, estava condenada ao insucesso num país subsidiodependente.

Fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e a Macau e em 2012 à Galiza. Prosseguimos com dois colóquios por ano até 2022. Como patronos, José Augusto Seabra (2001-2004), Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara (recentemente falecidos, 2007-2020).

Depois, tivemos Ximenes Belo, Ramos Horta e a AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), que deram lugar a Álamo Oliveira, Eduíno de Jesus e Onésimo T. Almeida. Há anos que temos dois temas permanentes importantes: "Açorianos missionários no Oriente" (Macau e Timor) e as obras publicadas no séc. XI por autores estrangeiros sobre os Açores.

A Helena Chrystello publicou várias antologias entre 2011 e 2024 e, em 2017, lançou-se o primeiro CD de autores açorianos, musicado pela Ana Paula Andrade. Desde 2009 que, anualmente, se homenageia um autor açoriano ainda vivo, e todos podem consultar o nosso historial e anuários, revista anual e demais publicações, além de vídeos, sons e imagens de todos os colóquios em www.lusofonias.net

No entanto, segundo alguns estudiosos, a nossa principal obra é a Bibliografia Geral da Açorianidade (BGA) compilada ao longo de sete anos (2010-2017) que inclui autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (ilhanizados, açorianizados ou não), que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, abrangendo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. incluindo referências bibliográficas à diáspora, colonização açoriana, caça à baleia e temas relacionados com a saga açoriana no mundo.

Não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, vulcanologia, etc. A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou de descendência açoriana, que dela se servem na sua escrita. De forma geral, estão aqui incluídos os trabalhos que logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e autores, embora saibamos que ainda faltam muitos. Atualmente pode ser consultada em linha em [5 BGA Bibliografia G Açorianidade \(lusofonias.net\)](http://5.BGA.Bibliografia.G.Açorianidade.lusofonias.net)

Quem os subsidia?

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais e sobrevivem com o pagamento das quotas dos associados e das inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados para cada evento. Pautam-se pela participação de um leque variado de oradores de todos os ramos do saber (não só da literatura e da linguística), sem temor nem medo de represálias. A nível logístico, beneficiam de apoios locais (autarquias) e têm parcerias com diversas entidades e, graças à sua subsídiação, independem e sobrevivem.

O Estado tem sido parceiro? Se não, por quê?

Do governo regional, temos tido apoios muito reduzidos e marginais para a dimensão dos nossos eventos, que apenas nos permitem convidar mais um convidado especial, a quem isentamos de inscrição. As autarquias têm sido o nosso suporte e em 2023-2005 há um mecenato da EDA Renováveis.

Temos recebido mais da devolução de 0,5% de IRS do que do governo regional.

Cada participante gasta, no mínimo, 500,00 €, incluindo o pagamento da inscrição (e da quota de sócio), viagem, estadia e alimentação, contribuindo diretamente para a economia local. Em média, temos 40-45 pessoas, que muitas vezes ficam mais dias para melhor conhecer os locais dos eventos e outras ilhas. A participação financeira do governo carece, como nas restantes atividades culturais, de um investimento sério e duradouro (a longo prazo) em eventos como os nossos, que apresentam trabalho realizado e publicam autores açorianos. A título de anedota, o falecido escritor micaelense Daniel de Sá dizia que os colóquios, com menos dinheiro, fizeram mais pelos autores açorianos que o governos autonómico e orgulhámo-nos de o fazer com tão parcos recursos (cada um paga as suas despesas)

Quais foram as participações importantes nos colóquios e o que abordaram esses participantes?

Não gostaria de realçar nenhum; não só tratamos de literatura, mas também de música, poesia, teatro, outros ramos da ciência e do saber (educação, vulcanologia, biologia, história), artes e pintura, dança, folclore, música popular (da viola da terra a cantigas, ao desafio tivemos de tudo), e erudita, Cancioneiro, sempre tão diversificado quanto o permitem os parcós orçamentos. Com mais de duzentos autores açorianos (e açorianizados) e mais de 1500 participantes ao longo dos anos, seria difícil destacar algum em detrimento de outros.

Como surgiu a BGA (Bibliografia Geral da Açorianidade)?

No 11º Colóquio da Lusofonia [Lagoa 2009], decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç, em Ponta Delgada (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt). Concebemos e organizamos, na Universidade do Minho, em Braga, um Curso Breve de Açorianidades e Insularidades com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fev. 2011) e, até hoje, aguardamos que haja uma entidade universitária capaz de colocar o curso em linha para todo o mundo, revertendo os proventos das propinas para a entidade que nele queira apostar.

Depois de 2011, alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharam autores açorianos e traduziram excertos em 15 línguas (francês, inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, esloveno, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão), o que acabaria por resultar num livro de Helena Chrystello "9 poetas, 9 línguas" em 2023.

Muitos destes autores fazem parte da **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram (2011), na versão **bilingue** (PT-EN de 15 autores), na **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos monolingue** (2012 com 17 autores), na **Coletânea de Textos Dramáticos** (2013) de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida), a que seguiu, em 2014, **uma Antologia no Feminino "9 ilhas. 9 escritoras"** (Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho).

Historial dos colóquios da lusofonia

Em 2022 surgiu a **Nova Antologia de Autores Açorianos** (17 autores) e, em 2023, a obra **9 poemas, 9 línguas**, ambas compiladas por Helena Chrystello.

Em 2024 já a título póstumo (com coordenação conjunta de Aníbal Pires) a **Antologia do Humor Açoriano**, e a novela inédita de 1978 de Helena Chrystello **“O silêncio da paixão”**.

Em 2025, lançou-se, de Chrys Chrystello, o 8º volume de ChrónicAçores, em homenagem a Helena Chrystello, “Diário de um Homem Só”, junto com o libreto “29 poemas 29 anos”.

Decidimos colocar em acesso aberto, no portal AICL (www.lusofonias.net) uma publicação para dar a conhecer excertos (a maioria esgotada) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única. Foi em janeiro de 2010 que surgiu o despretensioso Cadernos de acesso generalizado, de fácil leitura, em formato pdf. Já se publicaram mais de cinco dezenas de autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios) nos **Cadernos (e nos Suplementos) de Estudos Açorianos**.

Fala-se pouco na comunicação social sobre os colóquios ou tem havido uma divulgação satisfatória pelos OCS a nível nacional? Se não, o que poderá estar a falhar?

Tentamos sempre a maior divulgação. Nos Açores, a cobertura quer da imprensa escrita, quer da RTP e da RDP tem sido satisfatória, mas em Portugal nem a LUSA nos tem dado o destaque que os nossos convidados mereciam.

Por exemplo no Pico em 2018 tivemos mais de 25 autores açorianos presentes (um facto notável dados os constrangimentos financeiros), na Graciosa tivemos nomes de elevado gabarito Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, o cientista Félix Rodrigues, dezenas de autores açorianos e deveria merecer mais atenção. Em 2022, nos nossos 20 anos, reunimos mais de 50 autores açorianos, mas, na comunicação social, ninguém diria...

Contemporâneos das Correntes d'Escritas (Póvoa de Varzim), somos a mais antiga e ininterrupta entidade organizadora de eventos deste jaez, mas sem os fundos daquelas. Desde 2009, homenageamos, todos os anos, um autor vivo. (Presença constante nas Correntes D'Escrita da Póvoa) Onésimo T. Almeida foi homenageado pela AICL em 2021. Em 2022, Pedro Paulo Câmara. Em 2023, Carolina Cordeiro, Helena Chrystello e Maria João Ruivo. Em 2024, foi Pedro Almeida Maia; em 2025, Aníbal Pires ; em 2026, Luís Gaivão e Rolf Kemmler...

O que falha é que a cultura não vende nem dá votos, ao contrário dos festivais de verão, onde há sempre milhares para investir. Não temos meios humanos para fazer mais do que já se faz na rede de associados voluntários, todos trabalhamos pro bono em tudo.

Há alguma história interessante que se tenha passado num colóquio?

Por exemplo, quando, na tentativa de poupar custos, colocamos, por engano, dois artistas de teatro num mesmo quarto, sem serem um casal (e tivemos de improvisar novo alojamento para eles).

Outro episódio foi em 2008, quando Adriano Moreira se deslocou pela primeira vez a Bragança e o edil não acreditava que tivéssemos convencido o professor a ir tão longe. O autarca estava escondido num gabinete e, de 15 em 15 minutos, mandava alguém ao palco perguntar-nos “tem a certeza de que ele vem?”, até que o conhecido politólogo apareceu com a sua consorte e o edil pôde sair da toca, incrédulo com a nossa capacidade de atrair grandes personalidades para os colóquios. Um ano mais tarde, Adriano Moreira ofertaria o seu espólio à Câmara, que criou uma segunda biblioteca municipal com o seu nome, facto do qual nos orgulhamos sempre, com um enorme sorriso na lembrança do sucedido. E já esteve presente em mais colóquios (o último foi em 2018, em Belmonte, antes de falecer).